

Tese ao Congresso dos Trabalhadores da Unicamp

POR UM STU COM DIREÇÃO POLÍTICA CLARA PARA OS TRABALHADORES

Numa conjuntura de aprofundamento da exploração dos trabalhadores e descrédito das instituições brasileiras, é preciso retomar um sindicalismo que saiba ser amplo, democrático e atacar a raiz dos problemas.

Temos muitas lutas para tocar. Além de conquistar uma política salarial que reponha nossas perdas e garantir uma carreira que incentive os trabalhadores, devemos ser linha de frente na luta contra o racismo e homofobia, alavancar maior participação das mulheres nos movimentos, implementar de cotas nos concursos públicos, entre outras. Somente um STU forte, atuante e não atrelados a interesses de grupos políticos pode impulsionar essas lutas de forma inteligente, com a participação da categoria.

O STU precisa tirar foco das falsas negociações e aplicar esforços na conscientização, articulação e proteção dos trabalhadores da base. Precisa melhorar muito sua comunicação e demonstrar com mais clareza sua independência das trocas de favor da política e seu compromisso com a ampliação de direitos. Rever a proporcionalidade da direção sindical, colocando em voga um modelo majoritário, favorece esta clareza e facilita a participação da base nos momentos mais importantes.

Avaliação da greve 2018

A greve de 2018 contou com ampla adesão dos trabalhadores e um momento político muito favorável para a denúncia da política de privilégios da reitoria. Ainda assim, sem fazer análises sérias e reais das situações reais, nossa greve foi conduzida ao mesmo cenário que encerrou greves muito mais fracas e difíceis. O aumento do teto salarial do funcionalismo paulista, que também foi aprovado durante a nossa greve, deixou claro a injustiça da política de arrocho salarial para os muitos que ganham menos e aumento de salário para os poucos que ganham mais. Os trabalhadores da área de saúde, especialmente as mulheres da enfermagem, se mobilizaram com uma firmeza que há pelo menos 12 anos não se via. Ainda assim, conduzida por uma direção que insiste que as vitórias virão numa próxima "negociação". O conjunto da direção sindical teve acordo em responder à solicitação da reitoria e demandaram negociação em separado das outras categorias do ensino superior público paulista. O resultado da negociação era muito insuficiente para atender as demandas e finalizar a greve. As intervenções propostas na assembleia não conseguiam explicar para a população a injustiça do aumento do teto. Não colocamos no debate da cidade ou do estado a piora que esta política injusta implica para os serviços prestados pela Unicamp. Ainda assim, nas assembleias de greve, um discurso falsamente otimista evitava análises reais e responsabilização política da direção daquela luta. Ao final, tudo que conseguimos foram conquistas econômicas simbólicas e uma vaga promessa de que se evitaria punições de greve. Segue o arrocho no piso, novos

aumentos estão previstos para o teto salarial, permanecem punições de greve e não conquistamos a credibilidade da categoria para apresentar a luta de 2018 como um exemplo animador para as lutas do futuro.

O modelo da proporcionalidade da diretoria do STU faz com que a direção da nossa luta seja da responsabilidade de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém. Decisões importantes, como o outdoor de denúncia do aumento do teto, foram aprovadas em assembléia e não encaminhadas pela direção, sem que se entenda o que aconteceu ou quem negligenciou a deliberação.

Coesionar a direção sindical: passo necessário para avançar nas lutas

Queremos um sindicato que seja referência política para a categoria, provendo formação e informação que ajudem os trabalhadores a entender os problemas que vivem. Neste tipo de sindicato, a diretoria não é simplesmente uma seleção de trabalhadores indicados para negociar em nome da categoria. O STU precisa saber construir lutas vitoriosas. Organizar ações antes, durante e depois das greves, de modo a não se deixar aniquilar, não se deixar cooptar e conseguir vitórias reais para os trabalhadores da Unicamp.

O stu hoje não representa esse anseio de transformação que desejamos para a categoria. O resultado das lutas dos últimos anos apresentam poucos avanços. A capacidade do sindicato organizar ações para denunciar o projeto de desmonte da reitoria é quase nula.

Composto por vários grupos, diferentes setores da diretoria têm diferentes avaliações sobre como, quando e por que lutar. Todos estes aspectos da política passam despercebidos por quem só espera do STU a condução firme de enfrentamentos em defesa da categoria.

A composição proporcional da diretoria do STU impede uma atuação orientada para objetivos políticos e favorece negociações e acordos entre grupos distintos, muitas vezes, com políticas opostas. As lutas acabam dando espaço para as negociações.

Na nossa opinião, urge unificar politicamente a diretoria e aumentar a capacidade da categoria entender, criticar e participar das decisões que definem os rumos da luta sindical. A melhor e mais rápida maneira de fazer isto é definindo que no próximo pleito quem tiver mais votos assume a direção e a responsabilidade da entidade. Ainda que seja uma chapa composta por diferentes forças, haverá um acordo mínimo fundado entre elas em torno de algum objetivo político. Ainda que seja uma proposta mais favorável à reitoria que à nossa luta, teremos mais condições de denunciar erros e confusões, favorecendo a participação dos trabalhadores nas assembleias e comandos de mobilização. Desta forma, as diferentes instâncias do sindicato permitem um controle sobre a diretoria.

Propomos a mudança e também um plebiscito para colher a opinião dos trabalhadores sobre esta estrutura da nossa diretoria. O STU deve ser conduzido pela base. A opinião da base que deve organizar nossa entidade. Seria antidemocrático e sinal de burocratização votar contra a

manifestação dos trabalhadores sobre uma mudança tão importante, que está sob avaliação há quase meia década. O cenário político brasileiro exigirá mais e melhores mobilizações. Vamos à Luta!

Assinam:

Diego Machado de Assis

Iuriatan Felipe Muniz

Rosemar S. dos Santos